

O BELO, A SEDUÇÃO E A PARTILHA

PT

Obras da Coleção
Maria e João Cortez de Lobão

26 JAN — 23 ABR
2023



Luca Giordano
(Nápoles, 1634-1705)

Apolo e Mársias

c. 1660-1665

Óleo sobre tela

80 × 125 cm

Fundação Gaudium Magnum /
Coleção Maria e João Cortez
de Lobão

Nascido em Nápoles, em 1634, filho do pintor Antonio Giordano, Luca Giordano revelou um talento muito precoce e veio a tornar-se um dos mais produtivos e reconhecidos pintores europeus do século XVII. A importância da cidade como centro artístico consolidara-se na primeira metade de Seiscentos com a estadia de Caravaggio, o estabelecimento de Ribera, e a fixação de pintores como Massimo Stanzione, Bernardo Cavallino, Franczaco ou, já em meados do século, Mattia Preti, que responderam às grandes empreitadas da igreja contrarreformista sob o patrocínio da nobreza ligada ao vice-reinado espanhol. A presença destes artistas, ao mesmo tempo que se estabeleceram na cidade importantes *marchands* de arte com ligações aos principais colecionadores europeus, tornou os pintores napolitanos conhecidos e apreciados por toda Europa.

Luca Giordano cresceu artisticamente neste ambiente de efervescência e dele beneficiou fortemente, sobretudo quando, virada a primeira metade do século, com a morte de Ribera, em 1652, e a saída da cidade de alguns dos principais pintores em fuga à peste de 1656, Luca se tornou, indiscutivelmente, a figura central da sua vida artística. A braços com revoltas em Portugal e na Catalunha, a monarquia espanhola olhou com renovado interesse o território napolitano. Vice-reis como o VII Marquês de Carpio, don Gaspar de Haro y Gusmán ou o IX Conde de Santistebán, don Francisco de Benavides, lançaram reformas na administração e promoveram um conjunto de obras públicas de relevo para a afirmação da monarquia espanhola. Eram, igualmente, aficionados conhecedores de pintura e entusiásticos colecionadores e ambos patrocinaram e apoiaram fortemente Luca Giordano.

A sua fama aumentava também com a grande moda pelo estilo «à Ribera», que se difundiu no gosto europeu na década central do século XVII e que Giordano foi capaz de assimilar como ninguém, como se pode ver pelo magnífico *Êxtase de São Francisco* das coleções do Museu Nacional de Arte Antiga, e crescia com a sua lendária facilidade de trabalho e rapidez de execução, que lhe valeu o cognome de *Fa Presto* (faz depressa). Numa relação biográfica da sua vida, que ditou em 1681, ainda antes de completar cinquenta

anos, calculava que, para além de inúmeras empreitadas fresquistas, tinha já vendido mais de cinco mil quadros, espalhados não só por Itália, mas por toda a Europa. A sua fama em Espanha foi enorme e a admiração do rei Carlos II acabou por fazer dele o seu principal pintor de câmara, proporcionando-lhe uma estadia em Madrid até quase à sua morte.

A influência de Ribera é visível neste *Apolo e Mársias* da coleção de Maria e João Cortez de Lobão onde, para além do claro-escuro intenso e do forte expressivismo próprios do mestre espanhol, retoma, na posição em escorço do sátiro Mársias, a composição do mesmo tema pintado por Ribera, hoje no Museu napolitano de Capodimonte, mas que pertencia ao *marchand* de arte Gaspar Rommer, um influente protetor e vendedor de obras de Giordano. Também no museu napolitano se guarda, aliás, uma outra pintura de Giordano que glosa, ainda com mais evidência, o *Apolo e Mársias* do mestre espanhol.

A fortuna da representação no século XVII deste mito grego, em que o Sátiro se atreve a desafiar o deus Apolo para uma competição musical entre a sua flauta e a lira do deus, sendo depois barbaramente castigado por este, que o esfolia vivo perante a assembleia horrorizada dos sátiros, deveu-se tanto às possibilidades expressivas da representação do mito, quanto às leituras morais e políticas que se retiravam do tema. Ovídio, no Livro VI das suas *Metamorfoses*, faz uma descrição particularmente dramática da cena, com Mársias gritando o seu arrependimento, com as veias e «as entranhas palpitantes», latejando à vista com a pele arrancada. A mensagem sobre o que poderia acontecer a quem ousava desafiar os deuses e os mais poderosos era evidente, mas o tema servia também para demonstrar a prevalência da arte culta da lira de Apolo sobre a música bárbara do sátiro e da sua flauta pastoril e rude. Num dos diálogos do Livro III da *República* de Platão, Sócrates serve-se precisamente deste mito para demonstrar a necessidade de se seguir o «bom estilo» e a «boa harmonia», mas também a superioridade da cultura urbana sobre a rusticidade: «a lira e a cítara serão úteis à cidade; nos campos os pastores terão a flauta de Pã». Ambas as leituras agradavam por certo aos nobres e cortesãos que encomendavam as pinturas de Luca Giordano.

JOAQUIM OLIVEIRA CAETANO